



ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS
Academia Norte-rio-grandense de Letras - Patrimônio da Intelectualidade Potiguar

EM DIA COM A ACADEMIA ANO V Nº 209 DE 20 - 11- 2019

ACADEMIA CELEBRA CENTENÁRIO DO IMORTAL
ANTONIO PINTO - 1919 -2019



ANTÔNIO PINTO DE MEDEIROS – 100 ANOS - PARTE 1

LÍVIO OLIVEIRA – ADVOGADO PÚBLICO E ESCRITOR

ESTAMOS PASSANDO, a voo de pássaro, pela data em que o jornalista, professor e escritor Antônio Pinto de Medeiros (09/11/1919 – 09/02/1970) completaria 100 anos de idade. De nascimento, Antônio Pinto era manauara. Os seus pais eram de Mossoró e viviam em Manaus quando nasceu. Faleceu com apenas 50 anos de idade, após um fulminante infarto, na cidade do Rio de Janeiro, seu exílio eleito, onde escrevia para os Diários Associados (consta que, após a sua mudança para a capital carioca, nunca mais retornara a Natal).

Em obra que ficou célebre, “Conferências no Colégio Estadual (1ª Série)”, republicada pelo Sebo Vermelho em 2012, que reúne as conferências feitas por quatro estudantes (Antônio Pinto de Medeiros, João Wilson Mendes Melo, Luiz Maranhão Filho e Rivaldo Pinheiro), em 1943, no Atheneu, sob a orientação de Alvamar Furtado, percebe-se o grande valor intelectual do então jovem intelectual, que àquela altura estava com seus poucos 23 anos de idade e já fazia estudos profundos, como o que apresentou acerca de Anatole France.

Leiamos, com atenção, as seguintes palavras do mestre Américo de Oliveira Costa, também presentes na obra mencionada, já que antecedeu Antônio Pinto na fala histórica: “Sempre o conheci apaixonado e inquieto, fixando a todo instante a marca de uma personalidade própria. Encarna um desses seres que se classificam como de diálogo, isto é, cuja inteligência mantém perpétua indagação e curiosidade diante dos fenômenos e das fórmulas. Ágil e lúcido, – e escrevo estas palavras, num máximo de sinceridade, – fico esperando que a imagem nos trace esta noite do escritor francês, na palestra que intitulou, com um senso de proporções admiráveis: “Conversa sobre Anatole France”, dê aos presentes o autêntico depoimento de um dos mais sérios e seguros índices intelectuais de sua geração.”

No mesmo livro, pode-se ler o que disse o saudoso Veríssimo de Melo, acerca do nosso homenageado, numa intitulada “Notícia sobre Antonio Pinto de Medeiros”, publicada ao final da obra: “Antônio Pinto foi um moço que teve formação muito diversa da nossa. Andou em Seminário e foi obrigado a aprender as declinações latinas tim-tim-por-tim-tim. Não é de se admirar, portanto, que ele citasse na língua do Evangelho. Além disso, abandonando a vocação sacerdotal, o que é naturalíssimo, veio com aquela esfomeada curiosidade de ler os autores proibidos. Topou com os franceses. Entre os franceses topou com Anatole. Atitude pelo avesso daquela outra.”

Outro livro, “Histórias que vivi – Memórias e crônicas” (Sebo Vermelho, 2008), desta feita de Ary Guerra Cunha Lima, traz-nos traços, dentre outros aspectos, de um retrato físico de Antônio Pinto de Medeiros: “Conheci Antônio Pinto, em 1946, quando eu cursava o 3º ano ginasial e ele era o professor de Português.

Ainda estava prestando Serviço Militar, com o posto de Sargento. Era de estatura mediana, cara arredondada, um pouco gordo e falava alto, gesticulando muito ‘eloquente, loquaz, de verbo inflamado.

Voz limpa, audível, explicada, som metálico. Palavra fácil. Inteligência cintilante. Talento literário exuberante”, no dizer do Dr. Jurandyr Navarro, advogado, escritor e membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, que também foi seu aluno.”

São muitos elementos, destacadamente os psicológicos e intelectuais, que ora se busca salvar acerca da personalidade muito especial de Antônio Pinto de Medeiros, o que é impossível num texto curto para jornal. No entanto, vale destacar que: 1. Era um apaixonado pela língua portuguesa e por línguas estrangeiras, tendo se dedicado ao Latim, ao Grego e ao Francês, especialmente; 2. Foi seminarista e, quase chegando a padre, revoltado pelo abandono de si, abandonou o Seminário; 3. Tornou-se agnóstico; 4. Foi integralista e, segundo Ary Guerra Cunha Lima, foi expulso da agremiação política, por ter rasgado uma faixa em que constava “O chefe sempre tem razão”; 5. No Atheneu, ensinou Português; 6. Participou da II Guerra Mundial, como convocado pela FEB (não consegui a confirmação sobre eventual ida à Itália, ou se serviu no Brasil); 6. Possuía um espírito altamente crítico e mordaz, tendo recebido e usado, por isso, a alcunha de “Torquemada”; 7. Cursou a Faculdade de Direito do Recife, mas não teria exercido profissão jurídica; 8. Foi Diretor da Imprensa Oficial do Estado e também de “O Poti”, onde escrevia uma coluna crítica intitulada “Santo Ofício”; 9. Chegou a se candidatar a Deputado Estadual pelo PSD, não conseguindo ser eleito; 10. Publicou dois livros de poemas: “Um poeta à-toa” (1949) e “Rio do Vento” (1951).

No prefácio da reedição de “Rio do Vento” (NOSSA Editora/Fundação José Augusto, 1984), o grande jornalista Dorian Jorge Freire, em um dos parágrafos, assim se pronuncia sobre o nosso homenageado: “Os que conheceram de perto ou de longe, beneficiários ou vítimas, sabem disso. O quanto influenciou a Província. Quantas inteligências plasmou. A liderança que exerceu. Os autores que revelou. As obras que leu e criticou para o seu público. O seu desamorismo que fez época. As doídices que o seguiam como sua sombra. A absoluta coragem de ser, numa época de farisaísmo maior e de maniqueísmo mais estridente, quando o fino era não revelar-se. Ou simplesmente, não ser.

ANTÔNIO PINTO DE MEDEIROS – 100 ANOS (PARTE 2) **LÍVIO OLIVEIRA – ADVOGADO PÚBLICO E ESCRITOR**

Para dar continuidade à homenagem que ora prestamos ao escritor Antônio Pinto de Medeiros, por ocasião do seu centenário, vale destacar, para efeito de curiosidade biográfica, um dado curioso e que envolve a Academia Norte-rio-grandense de Letras. O episódio foi descrito muito claramente por Veríssimo de Melo, em sua obra em dois volumes (publicada entre 1972 e 1974) acerca dos “Patronos e Acadêmicos” da ANRL: “Eleito para a nossa Academia, após candidatar-se, surpreendeu a todos renunciando a sua cadeira, através de carta. Afirmara ser antiacadêmico, não desejando continuar no nosso cenáculo. Foi o primeiro e único dos nossos sócios resignatários.”

Com relação a essa sempre lembrada renúncia expressa à Cadeira nº 15 da Academia Norte-rio-grandense de Letras, pouco se sabe acerca das circunstâncias, os motivos íntimos ou exteriores que a envolveram, não havendo documentos ou escritos bastantes às considerações específicas. Também pouco se tem sobre a possível reversão aos quadros acadêmicos. Há apenas indícios, vestígios, conforme se demonstrará.

O livro “Memória Acadêmica”, da acadêmica e pesquisadora Leide Câmara (IFRN, 2017), traz algumas pistas, que talvez possibilitem aprofundamento por parte dos estudiosos. Leide menciona os livros de atas números 2 e 3, respectivamente com datas em 1946 (eleição) e em 1960 (ano em que teria se firmado um

requerimento de reversão à vaga, com o falecimento do ilustre acadêmico Eloy Castriciano de Souza). Não há notícia exata acerca da aceitação, ou não, do pedido de retorno aos quadros. Antes desse pedido, por óbvio, teria havido a renúncia, aceita pelo colegiado, fazendo-se constar a designação “resignatário”.

Portanto, trata-se da única renúncia (expressa, saliente-se!) da história da nossa Academia.

De qualquer sorte, advirto aos leitores que esse é um aspecto menor, diante da grandeza intelectual e histórica e dos feitos realizados por Antônio Pinto de Medeiros em tão poucos anos de existência (50), ficando apenas a ressalva da natureza polêmica do escritor, o que, repita-se, não desmerece nenhum pouco a capacidade e o brilhantismo intelectuais, características por muitos mencionadas.

A perda de Antônio Pinto foi prematura e ainda é sentida, pela lacuna que ocasionou no meio intelectual do Estado.

Mais uma vez, retorno ao texto de Dorian Jorge Freire, para resgatar o sentimento daquele já longínquo nove de fevereiro de 1970: “Depois, a morte de Pinto. Súbita. O grande coração que estourou. E em torno dele fez-se o silêncio. Aquele silêncio que se segue à morte dos grandes escritores, para decantar-lhe a obra, para pesar e medi-la, para ajuizá-la longe das paixões que sobrevivem.”

Concluo este texto em retalhos afirmando que a obra literário-poética – curta e poderosa – de Antônio Pinto de Medeiros merece imediata reedição, para que a sua inteligência seja novamente acesa no altar intelectual do Rio Grande do Norte. Alguns passos têm sido dados nesse sentido. Cuidemos, para que isso seja feito de maneira meticulosa!

Abaixo, transcrevo dois dos poemas de Antônio Pinto, na obra esgotadíssima e já citada alhures, “Rio do Vento”:

Enigma número quinze
40 dias e 40 noites
Na plataforma plantado fui.
Escravo e primo
Verticalmente
ao nada preso
Como os cegos.
Morta a paisagem
– Dilúvio em cinzas e sombras –
Um acidente e o homem
E a infância até.

↔↔Poema do Desejo Impossível
Quero as lágrimas perdidas
E os risos perdidos
Os risos inúteis
E as lágrimas de sal.

Quero os versos à toa
E a fé que herdei,
A fé que perdi
E os versos à toa.

Quero de novo o sentido da vida
E a alegria mãe,
A alegria extinta
E o sentido da vida que eu próprio matei.

Mas quero sobretudo as bolhas de sabão...



Acadêmica Leide Câmara

Secretária Geral

Academia Norte-rio-grandense de Letras

Rua Mipibu, 443 – Petrópolis – Natal, RN

Tel. 55 (84) 3221-1143 – 9.9982-2438

E-mail: academianrl@gmail.com